



Campanha Construindo Cidades Resilientes

Minha cidade está se preparando!

OBSERVATÓRIO DA CIDADE RESILIENTE

PUBLICAÇÃO: 11/07/2017

Reaching Resilience

Alcançando resiliência: Resiliência 2.0 do manual para profissionais de ajuda e formuladores de políticas

Este manual destina-se a incentivar o pensamento e fornecer insights e idéias sobre como desenvolver ações e estratégias bem integradas, passo a passo, para promover a resiliência no nível local.

O Manual visa apoiar estudantes e jovens profissionais em sua Redução de Riscos de Desastres, Adaptação às Alterações Climáticas e trabalho relacionado com a Redução da Pobreza e, em segundo lugar, familiarizar os formuladores de políticas envolvidos nesses três domínios com a questão da integração e ajudá-los a adotar uma abordagem de resiliência 2.0 aos seus (ou futuro) trabalho diário.

<http://www.reachingresilience.org/IMG/pdf/resilience-handbook.pdf>



PROJETO RESILIENCE

O projeto RESILIENCE foi criado devido à crença de que a capacidade das pessoas para lidar com os riscos e os choques seria melhorada se houvesse uma maior interação entre atores envolvidos nos diferentes campos da **Redução de Riscos de Desastres (DRR)**, **Adaptação à Mudança Climática (CCA)** e **Redução da Pobreza (PR)**. Isso implica que o setor de ajuda precisa se concentrar na resiliência da comunidade através de uma abordagem global que integra esses três campos diferentes.

Embora tenha havido tentativas de compartilhar experiências e "melhores práticas" em relação a essa abordagem, elas não são facilmente replicadas e não abordaram suficientemente barreiras que existem entre DRR, CCA e PR. É por isso que CARE Nederland, O Grupo URD e os Estudos de Desastres da Universidade de Wageningen,

que têm experiência substancial nestes campos, decidiram unir forças para identificar os desafios e oportunidades envolvidos na integração de DRR, CCA e PR. A pesquisa baseia-se em **estudos de campo e workshops** de países que enfrentam diferentes tipos de catástrofes:

- Uma área semiárida afetada por secas (**Borana, Etiópia**)
- Uma planície tropical propensa a inundações (**Pando, Bolívia**)
- E turquesas propensas a incêndios (**Kalimantan, Indonésia**)
-

<http://reachingresilience.org/>



7 coisas para saber sobre o gerenciamento do risco climático através da proteção social

FONTE : CONSTRUINDO RESILIÊNCIA E ADAPTAÇÃO A EXTREMOS CLIMÁTICOS E DESASTRES (BRACED)

Este documento analisa a forma como a proteção social pode ser uma ferramenta para gerenciar o risco climático, com exemplos do Brasil, Quênia e Lesoto. Discute como a proteção social pode ajudar a colmatar o fosso entre ajuda humanitária e de desenvolvimento, além de absorver e se adaptar aos choques climáticos.

O uso da proteção social também pode apoiar a resposta a desastres e identificar melhor os povos vulneráveis. A adição de critérios de segmentação com base na exposição ao clima ou ao perigo permite que os programas distingam as pessoas que precisam de suporte a longo prazo daqueles que o necessitam temporariamente. Também é possível identificar aqueles em risco antes de um choque e fornecer suporte transitório quando eles o precisam.

Um sistema de proteção social inteligente para o clima pode ser alcançado por:

- Considerando o risco de clima e desastres ao planejar e projetar programas de proteção social;
- Ligação a sistemas de alerta precoce e mecanismos de contingência;
- Estabelecimento de sistemas de entrega (segmentação, registro e pagamento) que identificam, se inscrevem e fazem transferências rapidamente para populações afetadas pela crise;
- Criação de um mecanismo de coordenação entre ministérios e agências incluindo a capacidade institucional; e

- Assegurar que os mecanismos de financiamento e financiamento estejam prontos para serem desembolsados conforme necessário.

Para os sistemas de proteção social antecipar e absorver riscos e choques relacionados ao clima, a flexibilidade, a escalabilidade e a sustentabilidade são fundamentais.

http://www.preventionweb.net/files/51885_7thingstoknowclimaterisksocialprote.pdf

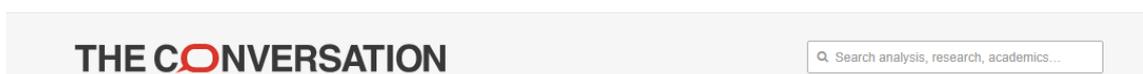


Os sistemas de alerta precoce das inundações deixam as mulheres vulneráveis

Postado por Holly Davison em 9 de fevereiro de 2017

As inundações de explosões de lago glacier (GLOFs) representam uma ameaça imediata para locais em regiões montanhosas onde o aumento das temperaturas contribui para a derretimento das geleiras. Esse risco torna crucial que as comunidades em risco para os GLOFs desenvolvam sistemas de alerta precoce (EWS) para alertar os moradores de um perigo iminente. Para que a EWS seja efetiva, o gênero precisa ser priorizado. Em um artigo recente publicado pelo Centro Internacional para o Desenvolvimento Integrado da Montanha (ICIMOD), Mandira Shrestha et al. Avaliou os sistemas de alerta precoce das inundações no Butão e descobriu que muitos EWS excluem as mulheres, que são especialmente suscetíveis a desastres naturais como GLOFs.

<http://glacierhub.org/2017/02/09/flood-early-warning-systems-leave-women-vulnerable/>



Recuperando de catástrofes: as redes sociais são mais importantes que a água engarrafada e as baterias



Os sobreviventes deixam Tohoku um dia após o terremoto e o tsunami de 11 de março de 2011. Warren Antiola / Flickr , CC BY-NC-ND

O conselho padrão sobre a preparação para desastres centra-se na construção de abrigos e armazenamento de coisas como alimentos, água e baterias. Mas **a resiliência** - a capacidade de recuperação de choques, incluindo desastres naturais - vem de nossas conexões para outros, e não de infra-estrutura física ou kits de desastre.

Há quase seis anos, o Japão enfrentou um triplo desastre paralítico : um terremoto maciço, tsunami e derretimentos nucleares que forçaram 470 mil pessoas a evacuarem de mais de 80 cidades, vilas e cidades. Meus colegas e eu investigamos como as comunidades nas áreas mais atingidas reagiram a esses choques e descobriram que as redes sociais - os laços horizontais e verticais que nos conectam aos outros - são a nossa defesa mais importante contra desastres.

A catástrofe de 2011

Às 14h46 da sexta-feira, 11 de março de 2011, um enorme terremoto de 9.0 atingiu a costa nordeste do Japão. O terremoto foi maior e durou mais do que as centenas de terremotos que atraem a nação anualmente, mas causaram pequenos danos às casas e às empresas. Infelizmente, no entanto, o perigo estava longe de terminar.

Dentro de 40 minutos, ondas maciças de água, algumas de até seis histórias, esmagadas nas comunidades costeiras da região de Tohoku, no nordeste do Japão. Cerca de 18.500 vidas foram perdidas, principalmente no tsunami.

Os danos causados pelo terremoto e pelo tsunami encerraram os sistemas de resfriamento nas usinas nucleares Fukushima Daiichi 1 a 3, que sofreram colapso de combustível nuclear. Mais de 160 mil pessoas foram obrigadas a evacuar da prefeitura de Fukushima. A zona de exclusão de radiação abrangeu inicialmente mais de 5.400

milhas quadradas, mas diminuiu lentamente à medida que os esforços de descontaminação progrediram.

No total, mais de 470 mil pessoas foram evacuadas durante o desastre. O acidente nuclear paralisou a política nacional, fez muitos sobreviventes ansiosos e deprimidos, e mudou a paisagem da política energética no Japão, empurrando os residentes locais para buscar opções não-nucleares. Muitas comunidades iniciaram cooperativas de eletricidade onde usam geotérmica, solar e vento para produzir seu poder

O que salvou vidas durante o tsunami?

Um colega japonês e eu esperamos aprender por que a taxa de mortalidade do tsunami variou tremendamente. Estudamos mais de 130 cidades, vilas e aldeias em Tohoku, considerando fatores como a exposição ao oceano, a altura da planície, altura do tsunami, padrões de votação, dados demográficos e capital social. Descobrimos que os municípios que tinham níveis mais altos de confiança e interação apresentaram níveis de mortalidade mais baixos depois de controlarmos todos esses fatores confusos.

Estudamos mais de 130 cidades, vilas e aldeias em Tohoku, considerando fatores como a exposição ao oceano, a altura da planície, altura do tsunami, padrões de votação, dados demográficos e capital social.

Descobrimos que os municípios que tinham níveis mais altos de confiança e interação apresentavam níveis de mortalidade mais baixos depois de controlarmos todos esses fatores.

O tipo de laço social que importava aqui era horizontal, entre os moradores da cidade. Foi uma descoberta surpreendente, dado que o Japão gastou uma enorme quantidade de dinheiro em Infraestrutura física como as paredes marinhas, mas investiu muito pouco na construção de laços sociais e coesão.

Com base em entrevistas com sobreviventes e uma revisão dos dados, acreditamos que comunidades com mais vínculos, interação e normas compartilhadas trabalharam eficazmente para fornecer ajuda aos parentes, familiares e vizinhos. Em muitos casos, apenas 40 minutos separaram o terremoto e a chegada do tsunami. Durante esse tempo, os moradores literalmente pegaram e levaram muitas pessoas idosas para fora de áreas vulneráveis e baixas. Em bairros de alta confiança, as pessoas derrubaram as portas daqueles que precisavam de ajuda e os escoltaram para fora do caminho do dano.



Os barcos de resgate levam pessoas através de ruas inundadas em Nova Orleans após o furacão Katrina, 11 de setembro de 2005. USCG / Flickr , CC BY-NC

O que ajudou as cidades a se recuperar?

Em outro estudo , trabalhei para entender por que cerca de 40 cidades, vilas e aldeias da região de Tohoku haviam reconstruído, colocaram as crianças de volta às escolas e reiniciaram as empresas em taxas muito diferentes ao longo de um período de dois anos. Dois anos após as catástrofes, algumas comunidades pareciam presas em âmbar, lutando para restaurar até metade de seu serviço de utilidade, negócios operacionais e ruas limpas. Outras cidades conseguiram rebotar completamente, colocando evacuados em casas temporárias, restaurando linhas de gás e água e eliminando detritos.

Para entender por que algumas cidades estavam lutando, eu procurei explicações, incluindo o impacto do desastre, o tamanho da cidade, a independência financeira, os laços horizontais entre as cidades e os laços verticais da comunidade com os corretores de poder em Tóquio. Nesta fase da recuperação, os laços verticais foram melhor preditor de recuperações fortes.

As comunidades que enviaram representantes seniores mais poderosos para Tóquio nos anos anteriores ao desastre fizeram o melhor. Esses políticos e embaixadores locais ajudaram a impulsionar a burocracia para enviar ajuda, chegar aos governos estrangeiros para obter assistência e suavizar o complexo zoneamento e os impedimentos burocráticos para a recuperação.

Embora seja difícil para as comunidades simplesmente decidir colocar representantes mais altos em Tóquio, eles podem tomar a iniciativa de estabelecer conexões com os tomadores de decisão. Além disso, eles podem procurar garantir que eles falem com uma voz unificada sobre as necessidades e a visão de sua comunidade.

Laços sociais, não apenas sacos de areia

Os desastres de Tohoku reforçam evidências passadas sobre a importância das redes sociais e do capital social na recuperação de desastres em todo o mundo. Embora as mudanças climáticas tornem os desastres mais devastadores ao longo do tempo, há boas notícias de nossas descobertas. Governos, ONGs e cidadãos particulares têm muitas ferramentas disponíveis para promover conexões horizontais e verticais.

Organizações sem fins lucrativos como a Cruz Vermelha Australiana, BoCo Strong em Boulder, Colorado e a **Organização Regional de Gerenciamento de Emergência de Wellington da Nova Zelândia agora levam a sério a capital social enquanto trabalham para construir a resiliência**. Nesses programas, os moradores locais trabalham junto às organizações da sociedade civil para ajudar a fortalecer as conexões, criar redes de reciprocidade e pensar sobre as necessidades da área. Ao invés de esperar por assistência do governo, essas áreas estão criando seus próprios planos para mitigar futuras crises.



Em uma cerimônia de 2012, moradores de Joplin, Missouri, seguem a rota de um enorme tornado que rasgou a cidade um ano antes, matando 161 pessoas. AP Photo / Charlie Riedel

Como construir resiliência

As comunidades podem construir coesão e confiança em várias maneiras. Primeiro, os moradores podem emular o Sr. Fred Rogers e aprender sobre seus vizinhos, que servirão como primeiros atendentes durante qualquer crise. Em seguida, comunidades inteiras podem procurar aprofundar as interações e a confiança, organizando dias esportivos, festas, festivais religiosos e outros eventos comunitários que criem confiança e reciprocidade.

Por exemplo, San Francisco fornece fundos para os residentes locais para armazenar NeighborFest, uma festa de bloco aberta a todos. Planejadores urbanos e visionários urbanos podem aprender a pensar como Jane Jacobs, defensora das cidades vivas e dos terceiros espaços - isto é, lugares além do trabalho e do lar onde podemos socializar. Ao conceber o que os defensores chamam de "colocar espaços públicos", como ruas favoritas aos pedestres e mercados públicos, eles podem reformular as cidades para melhorar a interação social.

Finalmente, as comunidades podem aumentar as taxas de voluntariado, recompensando as pessoas que voluntariam seu tempo e proporcionando benefícios concretos para o seu serviço. Uma maneira de fazer isso é desenvolvendo moedas da comunidade - scripts locais que só são aceitos nas empresas locais. Outra estratégia é o banco de tempo, em que os participantes ganham créditos por suas horas de voluntariado e os resgatam mais tarde por serviços de outros.

Após 3/11, uma organização em Tohoku procurou trazer esses tipos de programas - criação e design de capital social - juntos, fornecendo um espaço comum administrado por evacuados idosos, onde os vizinhos podem se conectar.

À medida que as comunidades ao redor do mundo enfrentam desastres cada vez mais frequentes, espero que minha pesquisa sobre o Japão depois de 3.11 possa orientar os residentes que enfrentam desafios. Embora a infra-estrutura física seja importante para mitigar o desastre, as comunidades também devem investir tempo e esforço na construção de laços sociais.

<https://theconversation.com/recovering-from-disasters-social-networks-matter-more-than-bottled-water-and-batteries-69611>